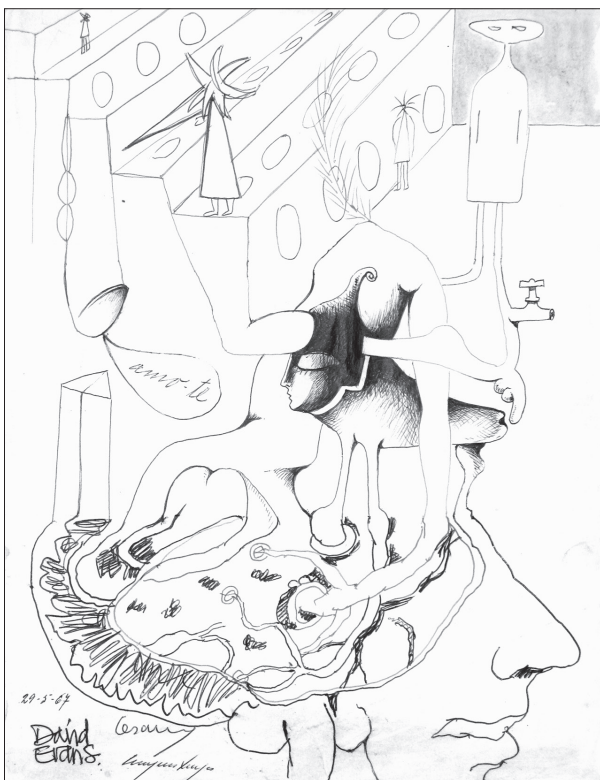


EXPOSIÇÃO **O CADAVRE-EXQUIS E SEUS MENTORES**

Convento Corpus Christi

11 JULHO A 8 AGOSTO 2015

Curadoria
Carlos Cabral Nunes



**1 BIENAL
ARTE
DE GAIA
2015**

CESARINY, CRUZEIRO SEIXAS, D. EVANS

S/ título "Cadavre Exquis", 1967

Tinta da china e esferográfica s/ papel

27,5 x 20,5 cm

UM TÍTULO-PROGRAMA COMO PRETEXTO PARA O LUGAR DO SONHO

Pretendeu-se, com a exposição intitulada “O Cadavre Exquis e os seus mentores”, contribuir para o reconhecimento de autores que consideramos fundamentais na criação artística em Portugal e que, com o seu labor, iniciado ainda na primeira metade do séc. XX, conseguiram, de forma ímpar, abrir caminho a novas expressões e linguagens poéticas e visuais, factos mais do que reconhecidos dentro e fora do meio artístico.

Associar estes autores, a maioria Surrealistas filiados no movimento iniciado em Portugal na década de 1940, e suas práticas artísticas, a uma primeira edição da Bienal de Gaia, é algo que entendemos como sinal claro de vitalidade da iniciativa cujo comissário geral, Agostinho Santos, em boa hora fez questão de superlativar a importância destes autores na construção plástica nacional, sobretudo quando se olha para o valioso trabalho que realizaram em prol da liberdade criativa, especialmente atendendo à época em que muitos deles começaram o seu caminho, no transcurso da longa e repressiva ditadura onde muitos destes autores, por não alinharem com o regime, foram perseguidos e, em muitos casos, vexados.

A mostra, cujas obras fazem parte do acervo da Perve Galeria e do espólio da Casa da Liberdade – Mário Cesariny, acontece neste imponente edifício de arquitectura barroca, o Convento Corpus Christi, colocando em diálogo, que esperamos profícuo, obras de arte sacra com as de alguns dos mais importantes autores do surrealismo português, que estiveram na origem da recuperação, directamente do movimento surrealista francês, do método de criação artística que ficou conhecido por Cadavre Exquis, fundado nos princípios da actividade colectiva e do automatismo psíquico puro.

Uma chama tão intensa e profundamente bela como a que foi acesa pelo surrealismo, numa altura complicadíssima da nossa história – entalado entre as duas guerras mundiais, com a guerra civil espanhola pelo meio e com toda a espécie de ditaduras e colónias escravagistas que existiam – uma chama assim não pode nem, seguramente, irá apagar-se. Cesariny dizia, a propósito: “Não se inquietem, o Surrealismo existe desde sempre e jamais acabará”.

O reagrupar destes artistas, singulares e originais, mas próximos pelas sensibilidades e culturas, sublinha mais uma vez, o vigor do Surrealismo. O fio subterrâneo que os interliga, é o automatismo, na liberdade do sonhar acordado, que faz com que se reencontrem nas margens de rios imaginários, sob o nosso olhar maravilhado.

O que estes autores têm em comum, é ao mesmo tempo, e nas suas obras, um convite à viagem. Talvez por estarem mais isolados do que os outros, os Surrealistas portugueses realizaram mais obras colectivas e privilegiaram mais o “diálogo”, que André Breton, fundador do Surrealismo em França, considerava como sendo a verdadeira essência da arte. Os artistas aqui apresentados, trabalharam, em muitos casos, juntos; quiseram recriar um laço com a forma, inventada pelo grupo francês em 1925, do Cadavre Exquis. Os cadáveres extraordinários na área do desenho, realizados pelos

artistas portugueses, são cada vez mais complexos, e abandonam a estrutura base, que era a da “figura”, com distribuição anatômica: cabeça, tronco e membros. Estes autores realizaram obras, que se apresentam na exposição, do país dos sonhos, cadáveres extraordinários a tinta preta e a cor, que abrem as portas do reino das quimeras.

A escultura, por outro lado, aparece nesta mostra como que fazendo eco de um poema de Artur do Cruzeiro Seixas: “Onde cada coisa é uma pessoa e cada pessoa é uma coisa. Isto é, onde a mão trémula do escultor liberta e esculpe o nevoeiro.”

O contraste entre a quantidade de elementos figurativos, e o espaço vazio, é uma das características dos desenhos patentes na exposição: Um ponto de vista elevado e distante sobre a paisagem e o seu horizonte, que a confronta com uma visão frontal sobre as criaturas-objects dos primeiros planos, favorecem essa “solidão de sinais”, procurada por Giorgio de Chirico. Mas ao invés de Chirico, que consegue a solidão pela rarefação, em muitas obras atinge-se essa dimensão, paradoxalmente, através da proliferação e do exagero, sendo as escalas constantemente quebradas; o princípio da metamorfose estende-se ao próprio espaço, que, de um ponto ao outro, se modifica sub-repticiamente, num jogo de espaços reforçado pela duplicação parcial de alguns personagens e objects, especialmente evidentes em alguns dos desenhos apresentados.

Pégaso, o cavalo alado nascido do sangue de Medusa, é como um duplo do artista. O cavalo alado, tal como a barca, é um convite à viagem. Banquinhos cinzelados e icebergs bisotados emolduram um mundo gelado sob o qual se aninha um fogo ardente. Edouard Jaguer, que lançou em Paris Cruzeiro Seixas, ousou a imagem do “cristal onde o enigma se derrete na própria incandescência” e num princípio alquímico, como um transformador de energia, pensa-se no “l’air de l’eau” de Breton, onde já se misturavam a chama e a neve. Tudo isto, acompanhado pela sonora manifestação poética, sensorial, musical da grande nave Surrealista “do princípio do mundo, até ao fim do mundo”, tal como nos legou Cesariny no final do magnífico poema cartográfico da liberdade e do amor “Navio de Espelhos”.

Paul Éluard sonhava com um mundo onde “os peixes cantam como pérolas” e os autores desta exposição, nascidos em épocas muito distintas, cujas obras percorreram o todo Século XX para chegarem até aos nossos dias, parecem ter sido movidos por essa inabalável certeza de que a vida corre sempre num sentido inverso ao real-quotidiano, o real fazendo-se sonho, como o é o desta Bienal de Gaia que, espera-se, possa crescer, fortificar e expandir-se sem limite outro que não o céu mais longínquo e profundo.

Carlos Cabral Nunes, curador da exposição, Julho de 2015
*com excertos de textos de Françoise PY, publicados no catálogo
da exposição “Cadavre-Trop-Exquis” (Perve Galeria, Setembro de 2010)*

Casa da Liberdade – Mário Cesariny | Perve Galeria
www.pervegaleria.eu

ORGANIZAÇÃO



APOIO



PARCERIA



APOIO



FICHA TÉCNICA / Coordenador / Carlos Cabral Nunes
Edição / Artistas de Gaia Cooperativa Cultural, CRL
Design / Humberto Nelson
Julho 2015